

O ROMANCE ESCOLAR LOBATIANO *MEMÓRIAS DE EMÍLIA* E SUAS APROXIMAÇÕES COM O CONCEITO ALEMÃO DE ROMANCE DE FORMAÇÃO

Belissa do Pinho JAMBERSI*

- **RESUMO:** O trabalho que aqui se apresenta teve por objetivo estabelecer algumas características que se aproximam do conceito alemão de romance de formação *Bildungsroman* com a literatura infantil lobatiana *Memórias de Emília* publicado em 1936. Por *Bildungsroman* compreende-se uma categoria de gênero literário por meio de uma forma social dinâmica, guiada por uma narrativa que trabalha simultaneamente com o conflito estabelecido pelas esferas individual e coletiva, e a possibilidade de realização do protagonista, no sentido de sua auto-formação. Neste sentido, o trabalho proposto estabeleceu as relações entre as transformações socioeconômicas e educacionais do Brasil nos anos 30 com as ações da personagem Emília.
- **PALAVRAS-CHAVE:** Romance de formação. Literatura Infantil. Literatura lobatiana.

Introdução

O trabalho que aqui se apresenta teve por objetivo estabelecer algumas características que se aproximam do conceito alemão de romance de formação *Bildungsroman* com a literatura infantil lobatiana *Memórias de Emília* publicado em 1936.

Por *Bildungsroman* compreende-se uma categoria de gênero literário por meio de uma forma social dinâmica, guiada por uma narrativa que trabalha simultaneamente com o conflito estabelecido pelas esferas individual e coletiva, e a possibilidade de realização do protagonista, no sentido de sua auto-formação. Segundo Maas (1996) o termo romance de formação no Brasil é uma produção pouco estudada. Tem-se referência ao estudo de Cristina Ferreira Pinto:

* UFSCAr – Universidade Federal de São Carlos. Mestranda em Educação – Programa de Pós-Graduação em Educação. São Carlos, SP – Brasil. 1356-905 – luaradapj@yahoo.com.br

Artigo recebido em 24 de agosto de 2013 e aprovado em 31 de outubro de 2013.

[...] o *Bildungsroman* feminino: quatro exemplos brasileiros deve ser considerado como um marco na tradição da crítica brasileira na apropriação e utilização do conceito *Bildungsroman*. Datado do início da década de 90, o livro publicado na coleção Debates da Editora Perspectiva, inscreve-se como um estudo teórico, onde a recorrência ao termo *Bildungsroman* se dá como recorrência a um modelo teórico e mesmo interpretativo (MAAS, 1996, p.399).

Neste sentido este trabalho, procura estabelecer as proximidades do romance de formação com a literatura infantil lobatiana *Memórias de Emília*, estabelecendo as transformações socioeconômicas e educacionais do Brasil nos anos 30 com ação da protagonista.

Para tanto pesquisou-se sobre o surgimento da literatura infantil brasileira, tendo como referência bibliográfica Bignotto (1999), Lajolo (1985), Lajolo e Zilberman (1999) e Nagle (1974). No segundo momento procurou-se focar as aproximações da literatura infantil lobatiana com o romance de formação, a partir das fundamentações teóricas expressas por Maas (1996, 2000), Bignotto (1999) e Lajolo (1985).

O surgimento da literatura infantil no Brasil

Do ponto de vista econômico, a Proclamação da República marca o movimento de transição de uma sociedade rural para uma sociedade urbana industrial, provocando intensas transformações no cenário socioeconômico do Brasil. Neste cenário as preocupações relativas à uniformidade do sistema educacional brasileiro não cessam, ganham forças os movimentos de expansão do Ensino Primário, sob a égide de concretizar-se um sistema nacional de Educação subjacente aos interesses políticos de erradicar o analfabetismo e atingir ao tão sonhado e desejado progresso, neste contexto, a escola é vista como uma tentativa de evitar a ruína da República.

A passagem do sistema agrícola-comercial para o sistema urbano-industrial impulsionou a formação de uma identidade nacional, disseminando novos padrões culturais, assentados no esforço para o surgimento das forças nacionais. Mobilizam-se movimentos em que se começa a “pensar o Brasil” e “pensar brasileiro” em suas dimensões cívicas e democráticas.

O sentimento de Nação enquanto indivíduo coletivo eclode com o advento da República, em 1889, e expande a dimensão pública da cidadania. A exigência do projeto de Nação a ser construída, nos primórdios do período republicano, se fundamenta na idéia de incorporação do povo à Nação, pois sem ele não haveria Nação no seu sentido democrático. Era necessário, pois, instruir este povo, já que a “[...] chave da civilização é o alfabeto, sem o alfabeto, não haveria no mundo, nem

progresso, nem cultura, nem evolução, nem preparo, nem organização, nem civismo, nem patriotismo.” (NAGLE, 1974, p.122).

Vale ressaltar que no campo Literário emergem as tentativas de valorização da escola e instrução simultaneamente a uma produção literária variada apta a atender a demanda das novas classes sociais que estão surgindo no Brasil neste período, em especial as crianças, por serem vistas como símbolos da pátria, futuros cidadãos republicanos, são alvos constantes de interesses políticos atrelados a educação, questionando a importância de se adquirir um material de leitura escolar e de livros para a infância brasileira, a fim de criar-se um público infantil consumidor, pois para representar a pátria era pré-requisito ser instruído nos bons costumes, e intelectualmente alimentados pela literatura, pelas letras.

Neste sentido a literatura infantil brasileira nasce sob aspecto moralizante, cujo Projeto Pedagógico e Editorial dos livros infantis, perpassam pela leitura escolar compreendendo uma imagem infantil estereotipada por valores virtuosos (moral, civismo) e concomitantemente por valores negligentes, entendidos como valores imprescindíveis para a formação do cidadão republicano.

Quer isto dizer, que a ideia de se fazer leitura para crianças, passa necessariamente, pela leitura escolar, como instrumento de difusão do civismo e patriotismo, assim observados nas obras de Júlia Lopes de Almeida e Adelina Lopes Vieira (*Contos Infantis*, 1886), João Vieira de Almeida (*Pátria*, 1889), Olavo Bilac em parceria com Afonso Coelho (*Os Contos Pátrios*, 1907) novamente Júlia Lopes de Almeida, com máxima obra exemplar “*Histórias da nossa terra*”, e Olavo Bilac em parceria com Manuel Bonfim (*Através do Brasil*, 1910).

Para atrair um público consumidor Lajolo e Zilberman (1999) destacam a análise lingüística apropriada à literatura infantil, no qual as crianças aparecem “como personagens centrais, as quais através de suas variadas situações e aventuras vão desenvolvendo amor a pátria, sentimento de família, noção de obediência prática das virtudes civis” (LAJOLO; ZILBERBAM, 1999, p.32). Neste momento a literatura infantil brasileira e todo o contexto que a permeia, tem como protagonistas crianças modelares, cuja presença nos livros parece cumprir a função de contagiar virtudes e sentimentos, aos jovens futuros, e somadas a estas virtudes encontra-se a presença de um nacionalismo exacerbado metaforizado à imagem rural, desde o final do Império e início da República. Logo a literatura infantil passa a estruturar-se com uma organicidade entre a unidade nacional (expressa pela representação cívica do Brasil) e a unidade narrativa (protagonistas narradores).

Fica evidente que a literatura infantil produzida nesta época estava associada à representação dos modos de vida dos vários “brasis que estão se formando”¹,

¹ A título de curiosidade tem-se que a produção e circulação desta literatura infantil brasileira, inspirou-se em algumas obras europeias, as autoras Lajolo e Zilberman (1999, p.32) reforçam que o nacionalismo emergente

marcadas pela presença e exaltação da natureza e da paisagem, aproveitamento da terra, que desde o romantismo permanece como um dos sistemas mais difundidos da nacionalidade.

Havia, portanto, um projeto civilizador (moralizar e higienizar) que concebia à educação popular (representada pela escola e pelo material escolar) uma necessidade política e social, noticiada nas exigências de um Brasil alfabetizado, como forma de incluir os pobres no sistema de eleições diretas, dando-lhes, em troca, o direito à participação política e à vida cívica.

Para Nagle (1974) o produto destas transformações sociais e políticas resultou no aparecimento inusitado do entusiasmo pela educação e do marcante otimismo pedagógico. Ambos os movimentos embora caminhem juntos assumem diferentes sentidos conforme o contexto. Em um primeiro momento tem-se que a preocupação política da educação está na corrida para superar o atraso intelectual do povo. Já no segundo momento, aproximadamente nos anos vinte da Primeira República, há uma necessidade de se repensar os métodos de ensino, como tentativa de formar o cidadão republicano, na medida em que o método de ensino oriundo da monarquia era incompatível com os valores republicanos.

No que tange aos valores republicanos da época observou-se que a política positivista de ordem e progresso, liberalismo, perpassou pelas grades curriculares do ensino secundário, a fim de colocar a valorização da ciência enquanto fonte de conhecimento, a razão passou a ser valorizada em detrimento de um ensino baseado na escolástica/literário. Confluyente com estes valores penetrava, ainda que de forma obscura, os ideias de um movimento renovador do ensino, reivindicando uma renovada formação de professores centrada em metodologias de ensino enfocando a criança e todo o seu desenvolvimento psicológico, já que a criança era o futuro da pátria indo ao encontro da formação do cidadão republicano, condizente com a propaganda cívica e os simbolismos expressos por meio dos Grupos Escolares e as Escolas Normais. Este é o novo núcleo que vai definir o otimismo pedagógico no domínio do ensino secundário, nos anos vinte.

O entusiasmo pela educação e o otimismo pedagógico nos anos vinte estão mais atrelados a movimentos reformistas e remodelador sob a égide de estimular o desenvolvimento de uma nova concepção de escolarização, centrada na criança e métodos renovados de ensino, como forma de suprir o alarmante quadro de analfabetismo nas “[...] condições reais, isto é, considerando, de um lado, a existência de 380 mil crianças de 7 a 12 anos, com uma matrícula geral de 232 mil; e de outro, a situação orçamentária do Estado que não suportava maiores gastos no setor” (NAGLE, 1974, p.207).

com a República, “[...] nasceu na Europa, onde apareceram várias obras que cada uma a seu tempo inspiraram autores brasileiros.”

Os anos vinte marcam não somente a confluência das ideias escolanovistas assim como apresentam um renomado escritor brasileiro, Monteiro Lobato, responsável por proporcionar à literatura infantil uma identidade e organicidade com expressões próprias do Brasil que “está em formação”. “Sondar o universo lobatiano é tentar recuperar um pouco desses “mergulhos” *do escritor no caldeirão de idéias e mudanças que era o Brasil*, e especialmente São Paulo, no começo do século vinte” (BIGNOTTO, 1999, p.82, grifo nosso).

É importante destacar que embora houvesse, desde os anos iniciais da República, a produção de uma literatura infantil, esta era marcada por um padrão culto da língua, incompatível com uma linguagem própria da infância. Pensando então, neste distanciamento entre uma literatura infantil e uma linguagem própria, Lobato inaugurou na literatura brasileira, um gênero marcadamente moderno: o coloquialismo nos livros infantis, facilitando a leitura e interpretação da escrita, criando assim, uma identidade para a literatura infantil brasileira, apoiada na oralidade e no despojamento sintático².

Outro aspecto interessante refere-se ao investimento na produção de livros. “Sua preocupação com o público infantil seria indício insignificante se isolado, mas torna-se eloqüente quando contextualizado em seu esforço pela ampliação do mercado livreiro e avaliado em conjunto com o modo de produção desses livros (LAJOLO, 1985, p.49)”, não por acaso que o próprio autor mantinha correspondência por meio de cartas com o público-leitor, quanto a estrutura visual, os livros lobatianos apostam em aspectos gráficos como ilustrações, assim, também, apresentam ligações estreitas com a escola e a família. Lobato considerava as Instituições como escola e família, importantes difusoras do gênero literário, já que são por estas instituições que necessariamente passa o livro antes de chegar à mão do leitor³.

Monteiro Lobato, nos anos 20, dedica-se à literatura infantil, publicando a primeira versão do livro *A menina do narizinho arrebitado* e por meio desta edição, o autor começa a publicar a série de histórias infantis da turma do Sítio do Pica-Pau Amarelo. Uma das possíveis ligações entre a Educação e o campo Literário, na perspectiva lobatiana, está relacionado à maneira de tratar e representar a criança e a infância, aspecto este, em consonância com o movimento escolanovistas.

Bignotto (1999, p.46) ressalta que:

² É importante destacar que o fato de Lobato ter diferenciado uma literatura infantil, não implicou contudo, ausência completa de uma literatura infantil ditadas a norma culta da Língua. Sobre este assunto Lajolo e Zilberman (1999) em *Literatura infantil brasileira: história & histórias* trazem, no terceiro capítulo uma discussão interessante.

³ Nos anos vinte o mercador editorial do livro no Brasil, atravessa um período de grandes transformações em termos de estruturação e desenvolvimento dessa indústria, que está preocupada com a formação de um público leitor consumidor. O investimento, intensifica seu alvo, na criança e na representação de infância que surge na sociedade brasileira com o advento da República e ganha corpo nos anos vinte. Lobato ao criar esta identidade aos livros infantis desperta em outras editoras o interesse por livros infantis.

[...] anos antes das novas teorias aparecerem com maior vigor no cenário nacional, Monteiro Lobato exprimia uma idéia de ensino que parece assemelhar-se ao que propunha o escolanovismo. Em 1927, ele teria a oportunidade de conhecer melhor estas teorias através da amizade de Anísio Teixeira.

Lobato era contra a maneira como o Estado intervinha na educação, neste sentido o Sítio do Pica-Pau Amarelo, pode ser interpretado como uma escola modelo e alternativa, que não precisaria submeter-se à programas de ensino impostos pelo Governo. Para o autor, a escola dispunha de uma literatura alheia a infância, razão esta que o fez lançar inúmeras críticas ao sistema educacional, mas sem contudo, esvaziar o caráter sócio-educativo da escola, ao contrário, suas críticas reforçam a necessidade de uma escola que valorizasse a capacidade crítica e criativa da criança, proporcionando um questionamento dos assuntos ensinados e adaptação de uma linguagem literária à infância.

Para Lobato a renovação cultural da sociedade brasileira dependia da mudança substancial da escola, não por acaso que o Sítio do Pica Pau Amarelo representa a interpretação política e econômica deste Brasil que está em formação, e por outro lado evidencia uma nova representação de educação e de infância, na qual passa-se a valorizar a capacidade criativa da criança, através dos personagens do sítio como Emília, Narizinho e Pedrinho, cuja Dona Benta, personificação da imagem de uma professora é o personagem adulto, que aceita a imaginação criativa e criadora das crianças, admitindo as novidades que vão se modificando com o mundo.

Fazendo uma análise mais aprofundada tem-se que o Sítio do Pica-Pau Amarelo, não só abrange uma concepção de educação como também representa a visão política que o autor tinha do Brasil. Monteiro Lobato era contra um nacionalismo ufanista, que não aproveitava os recursos da própria terra, a fim de melhorar a qualidade de vida de seus habitantes. O autor ao retornar dos Estados Unidos, em 1931 encontra resistência, do governo (justificada no interesse oficial em afirmar a ausência de petróleo no Brasil), na implantação do seu objetivo de rendar o Brasil pela exploração do ferro e do petróleo. Razão esta que o fez transportar para o Sítio a metáfora de um Brasil, “[...] lá nas terras de Dona Benta, o Brasil arcaico de Tia Nastácia e Tio Barnabé se funde com o Brasil moderno que encontra petróleo, fala ao telefone e viaja à Lua.” (LAJOLO, 1985, p.51), quer isto dizer que o sítio pode ser auto-suficiente com a extração do petróleo e também economicamente inviável, se pensando do ponto de vista agrícola, e o processo rural urbano que pode ser observado nas falas de Lajolo ao colocar que o Brasil arcaico funde-se com um Brasil moderno.

Portanto, fica evidente que o aparecimento de uma literatura infantil no Brasil passa necessariamente ao conjunto de efervescências ideológicas e transformações políticos econômicas, expressas através de um projeto civilizador republicano que

concebia a educação das crianças, o futuro da pátria, daí o investimento de uma produção literária adequada à infância.

Atendo-se especificamente à produção infantil lobatiana, tem-se em seus personagens a representação deste Brasil em formação, cujo Sítio expressa-se em uma República alternativa para o Brasil, onde todos os personagens, inseridos nesta conjuntura econômica e política do país, desempenham funções diferentes.

Focando a análise na personagem Emília, encontram-se as peripécias e aventuras de uma boneca em contato com um Brasil que está em formação. Baseando-se nesta perspectiva, a literatura escolar lobatiana pode se estender em alguns paralelos com o conceito de *Bildungsroman* (Romance de Formação) ao colocar a trajetória sob a perspectiva do próprio sujeito em formação, assunto este que será discutido no item seguinte.

Romance de formação e literatura infantil lobatiana: breve análise

A discussão feita acima, sobre o surgimento de uma literatura infantil brasileira, em especial a ascensão da literatura infantil lobatiana, se fez necessário, para compreender como que este ‘Brasil em formação’ é representado pela literatura infantil e deste modo quais são as possíveis aproximações que podem ser feitas com o conceito de *Bildungsroman*.

Para analisar tal proximidade, utilizou-se como objeto de estudo a produção infantil lobatiana intitulada *Memórias de Emília* (11ª edição de 1962) publicada pela primeira vez em 1936, a literatura infantil pode ser lida como um romance de auto-formação de uma boneca brasileira nos anos 30, abordando os aspectos sociais e educacionais de seu país condizentes com a sua época.

Entende-se por romance de formação, uma narrativa de origem alemã que coloca a tensão entre um indivíduo (protagonista) e a coletividade (sociedade), cujo conflito narra a trajetória de vida deste sujeito, apontando para uma possível ascensão social. Nas palavras de Maas (2000, p. 19, grifo do autor):

A definição inaugural do *Bildungsroman* por Morgenstern entende sob o termo aquela forma de romance que “representa a formação do protagonista em seu início e trajetória até alcançar um determinado grau de perfectibilidade”. Uma tal representação deverá promover também a formação do leitor, de uma maneira mais ampla do que qualquer outro tipo de romance.

Neste sentido entende-se que o romance de formação busca garantir a legitimidade de uma classe burguesa, ainda incipiente em termos políticos, na tentativa de assegurar um espírito nacional e intelectual, revertido à produção literária, no sentido de garantir a esta burguesia uma representação de classe.

Segundo Maas (2000) o conceito de romance de formação busca superar aquela visão idealista de homem, calcado em virtudes extraordinárias, e passa-se ter um romance realista, como forma capaz de retratar o homem cotidiano, mediano, em vez de Ulisses, o burguês. Isto permite com que o indivíduo seja visto em sua fragilidade, por isso a narrativa de formação deve ser vista de forma dialética oscilando entre o fracasso e o sucesso, são paradoxos sob os quais o indivíduo está sujeito.

Guiando-se, por estas breves definições, pode-se ler a literatura infantil *Memórias de Emília* como possibilidade de estudo de romance de formação, na medida em que a narrativa trabalha simultaneamente com os pólos individual, marcado pela narradora protagonista que questiona os acontecimentos reais e imaginários que permeiam a sua vida, descrevendo também suas próprias peripécias, e o pólo coletivo, representado pela introdução, de personagens incorretamente políticos, como Capitão Gancho e o marinheiro Popeye, que subornam o anjinho de asinha quebrada, Flor das Alturas, para ganhar dinheiro, isto pode ser interpretado como uma representação econômica da sociedade brasileira, nos anos 30, período pelo qual o Brasil ascendia culturalmente; o roubo do anjinho de asinha-quebrada representa uma “mina de ouro” aos vilãs da História que pretende comercializar o anjinho ao circo, ou ao cinema, neste momento da narrativa Lobato introduz um capítulo, discorrendo sobre a produção do cinema em Hollywood, e por outro lado é a época em que se reflete o governo de Vargas, refletindo também o desagrado de Lobato já que fora preso na Era Vargas.

O espaço da ação (Sítio) mostra-se como categoria importante para se analisar a trajetória de Emília sob a perspectiva do próprio sujeito em formação, já que é no sítio que se desenrolam as aventuras da personagem.

A narrativa é guiada pelas peripécias de uma boneca de pano questionadora da sua realidade bem como marcada por uma personalidade forte guiada pela esperteza e malandragem, entendida no sentido de trapacear o mau para fazer o bem.

A trajetória narrativa do livro caminha na perfectibilidade como resultado de um processo teleológico, entendido neste caso como um produto final. A trajetória de Emília sob a perspectiva de um romance de formação é determinada pelo sucesso, em razão de seu temperamento forte bem como de sua astúcia. Por possuir esta característica pode-se traçar um paralelo com o personagem pitoresco, cuja ascensão é tida pela trapaça.

Entretanto, a ascensão, no caso da boneca, não deve ser interpretada no seu sentido social, mesmo porque Emília não possui uma trajetória de ascensão⁴, contudo

⁴ O nascimento inusitado de Emília pode ser aproximado do personagem pitoresco, na medida em que a personagem nasceu, por acaso, a partir de uma saia velha da Tia Nastácia, e nasceu vazia, só depois de nascida é que foi enchida por pétalas de uma flor cheirosa. “– Bem. Nasci, fui enchida de macela que todos entendem e fiquei no mundo feito uma boba, de olhos parados, como qualquer boneca. E feia. Dizem que fui feia que nem uma bruxa. Meus olhos Tia Nastácia os fez de linha preta. Meus pés eram abertos para fora como pés de

possui uma capacidade incrível de solucionar os problemas pela esperteza, tanto é que no livro há uma passagem explícita do seu modo de ver o mundo:

Olhe, Visconde, eu estou no mundo dos homens há pouco tempo, mas já aprendi a viver. Aprendi o grande segredo da vida dos homens na terra: a esperteza! Ser esperto é tudo. O mundo é dos espertos. Se eu tivesse um filhinho, dava-lhe um só conselho: Seja esperto meu filho (LOBATO, 1962, p.82).

É justamente por meio desta esperteza que Emília, consegue escrever suas próprias memórias. A começar, suas próprias Memórias, não são escritas por ela mesma, mas pelas mãos do Visconde; “- Vamos, Visconde. Bote aí seis pontos de interrogação – insistiu a boneca. Não vê que estou indecisa interrogando-me a mim mesma?” (LOBATO, 1962, p.10).

Por outro lado há outro fator interessante a ser observado, na narrativa. Lobato ao escrever *Memórias de Emília*, rompe com o recurso estilístico de um texto memorialístico, pois subentende-se por Memórias, uma narrativa em primeira pessoa, refletindo sobre as passagens da vida, e portanto o protagonista já possui uma idade avançada. O romance-escolar *Memórias de Emília*, apresenta um narrador híbrido, e a própria definição de Memórias quebra o conceito tradicional de memórias.

A narrativa possui três narradores, o próprio escritor Monteiro Lobato, que aparece em terceira pessoa. Visconde de Sabugosa, narrador em terceira pessoa, relata um episódio real que aconteceu no sítio, e Emília, que assume o papel de narradora, em primeira pessoa, após discutir com Visconde, neste momento da narrativa a boneca, interpreta o fato como supostamente imaginava que deveria ser, narrando uma história falsa de sua viagem a Hollywood, imaginando como deveria ser se Tia Nastácia não tivesse deixado o anjinho fugir, daí surge um espaço para se falar em cinema, refletindo a efervescência cultural brasileira da época.

Chegando a Hollywood de avião, e, sem querer ser interrogada, Emília procura a atriz mirim Shirley Temple, que já havia sido citada anteriormente por Peter Pan.

caixeirinho de venda” (LOBATO, 1962, p.13). A ascensão desta personagem ocorre na medida em ela deixa de ser estática e muda, e ganha vida ao engolir uma pílula que o célebre Doutor Caramujo a deu, outro aspecto a sua ascensão diz respeito ao fato de ter sido feita por uma negra analfabeta e chegou as mãos de Narizinho, uma criança alfabetizada, “Narizinho conta que a pílula era muito forte, de modo que fiquei falante demais. Assim que abri a boca, veio uma torrente de palavras que não tinha fim. Todos tiveram de tapar os ouvidos. E tanto falei que esgotei o reservatório. A fala então ficou no nível”. (LOBATO, 1962, p.13). Por outro lado a imagem de uma boneca de pano, feia, pode ser interpretada como uma tentativa do autor, de dar identidade ao imaginário infantil brasileiro, incentivando criar brinquedos a partir de uma realidade rural, trapos velhos viram uma boneca, uma espiga de milho se transforma em um cientista, rompendo assim com a importação de um imaginário infantil vindo da Europa. Bignotto (1999, p.50) “[...] a boneca brasileira, aquela que gostava de goiaba, que conhecia o canto do sabiá-laranjeira e que matracava como um papagaio verde-amarelo que houvesse inventado a própria linguagem sem imitar ninguém”.

Ao encontrar a atriz, Emília comenta sobre o desejo de se transformar em atriz, e decidem, então, gravar uma fita, para ser enviada a Paramount, como representação teatral do livro *Dom Quixote de Lá Mancha*, distribuindo os papéis entre Shirley, Emília, Anjinho, e o Visconde.

O livro *Memórias de Emília* narra o episódio da vida de Emília em que ao fazer uma viagem para o céu, encontra um anjo de asa quebrada e o leva para sítio. “Descemos todos e com grande espanto Dona Benta viu que Emília tinha trazido o anjinho de asa quebrada que descobrira muito triste da vida, lá entre as estrelas” (LOBATO, 1962, p.16) e a partir deste foco, a narrativa se desenvolve, com a chegada das crianças inglesas ao sítio para ver o anjo e o aparecimento de dois personagens infantis no sítio, Capitão Gancho (inglês) e o marinheiro Popeye (americano), com o objetivo de roubar o anjinho a fim de lucrar com este ou no circo ou no cinema:

– Viva, senhor Popeye! – exclamou o Capitão Gancho. Que é que o traz por aqui?

– O mesmo que traz a você, Capitão – respondeu Popeye na sua voz rouquíssima.

– Acho que podemos nos entender e nos ajudar mutuamente – tornou Gancho. Vou contar tudo. Vim entre os marinheiros do Almirante Brown com a idéia de levar o anjinho para Londres. Renderá bom dinheiro num circo.

Popeye sorriu

– Pois saiba que tive a mesma idéia e vim dos Estados Unidos para levá-lo a Hollywood. No cinema esse anjo dará mais sorte do que em todos os circos do universo. Não podemos, pois, nos entender, Senhor Capitão Gancho. (LOBATO, 1962, p.58).

A briga entre os dois vilões é de tamanho estrago que além de derrotar o capitão gancho⁵, acaba sendo afetado também, o exército do Almirante Brown, responsável pelas crianças inglesas no sítio.

Emília consegue achar uma solução para superar este estrago e evitar o roubo do anjo, “– Eu sei de um jeito de arrumar tudo – disse ela, e de acabar numa vez para sempre com a prosa desse Popeye” (LOBATO, 1962, p.63), entretanto a ideia de uma boneca de pano a resolver a situação, não agrada o Almirante que duvida da capacidade de Emília e a ironiza, razão está que a faz chamá-lo de “bife mal passado”, mas a boneca é exaltada por Dona Benta como a heroína do sítio.

⁵ A briga pode ser interpretada como derrota do circo e ascensão cultural do cinema, refletindo a efervescência cultural no Brasil. Isto fica evidente quando Emília conta ao anjinho o plano de Popeye para transformá-lo em uma “estrelinha de Hollywood”. “Fazer de mim estrelinha? – repetiu a mimosa criatura. Esse Hollywood é alguém do céu? – “Não burrinho!. É a cidade do cinema. As estrelas e estrelinhas de lá são de carne e osso, como nós” (LOBATO, 1962, p.70).

A solução encontrada por Emília é ocasionar uma briga entre Pedrinho, Peter Pan e Popeye de modo a trocar as latas de espinafre de Popeye por couve moída:

Pronto! – gritou ela ao chegar. Aqui têm vocês a lata de espinafre do Popeye. Troquei-a por uma igual de couve moída. Quem vai agora engolir o espinafre maravilhoso não é ele – são vocês. (LOBATO, 1962, p.71).

Neste sentido é que se pode dizer que Emília possui características de um personagem pitoresco, que encara o problema com certa astúcia, ocasiona situações-problemas com soluções prontas, outro momento é quando ela tenta enganar as crianças inglesas, ao vestir o Visconde de Sabugosa feito anjo: “– É da doença – insistiu Emília. Vocês, que não têm asas, não imaginam como quebradura de asa esquerda desfigura um pobre anjo” (LOBATO, 1962, p.36).

Considerando, pois que o romance de formação reflete o contexto de uma sociedade em transformação, há no texto uma passagem entre o Almirante Brown e Pedrinho, que justapõe o cenário brasileiro da época, cuja moral era rigorosamente difundida como elemento imprescindível na educação das crianças, durante a primeira e segunda republica no Brasil:

– Se fôsse assim, meu menino não poderia haver exércitos no mundo, nem esquadras. Os generais e almirantes, que comandam exércitos e esquadras enormes, não os mantêm na disciplina por meio da força física – sim da força moral. Com a força moral, um homem sozinho domina milhões. (LOBATO, 1962, p.32).

A primeira edição de *Memórias de Emília* foi publicada em 1936, é necessário considerar que nesta época o Brasil, estava inserido na política de Vargas, período de transição brasileira. No campo educacional, era ainda forte a propaganda cívica expressa pelas escolas, marcada pelo tripé: moralizar, higienizar, civilizar.

Ainda nessa perspectiva, Emília ao definir-se como professora do anjinho, vai ao longo do capítulo II, ensinando o significado das palavras da Terra, por sinal, muito diferente do céu. Por mais que Emília esforçava-se, explicando, de maneira poética, os vários significados que uma mesma palavra pode assumir Flor das Alturas não compreendia o significado de uma só palavra quanto mais das outras definições.

Este Capítulo pode ser interpretado sob possíveis aproximações com o romance de formação, na medida em que por meio das explicações e definições de Emília, Lobato utiliza a boneca para contar o funcionamento da sociedade e as relações de poder:

– Todo o mal vem da língua – afirmava a boneca. E para piorar a situação existem mil línguas diferentes, cada povo achando que a sua é a certa, a boa, a bonita. De modo que a mesma coisa se chama aqui dum jeito, lá na Inglaterra de outro, lá na Alemanha de outro, lá na França de outro. Uma trapalhada infernal, anjinho. (LOBATO, 1962, p.21).

A criticidade do excerto pode ser compreendida pela relação política entre Lobato e Getúlio Vargas. Lobato era super progressista, mas se desencantou com os homens, por tudo o que ele idealizou e não conseguiu concretizar, em função de questões políticas. Ele escrevia sobre os problemas do Brasil, tanto nas obras adultas quanto nas infantis. Foi preso no governo de Getúlio. Era a favor da industrialização e sabia que o Brasil era um país rico, inclusive em petróleo, mas o governo dava preferência às multinacionais e boicotava as empresas brasileiras. Lobato foi adido comercial do Brasil, nos Estados Unidos, de 1927 a 1930 e quis implantar muitos projetos, mas encontrava resistência por parte do governo.

Há no último capítulo as reflexões (reais) de Emília quanto suas aprendizagens e convívio no sítio, podendo ser interpretada como possibilidade de estudo para o romance de formação, já que Emília narra brevemente sua trajetória de vida, refletindo sobre o país que está em transformação.

Emília ao reiterar as críticas feitas por Visconde, justapõe a sociedade brasileira citando características próprias do ambiente rural como os personagens inanimados do sítio (a pitangueira, e a porteira, a laranjeira, a jabuticabeira), a fim de introduzir os leitores a entrarem neste universo rural, um universo que se apresenta como uma sociedade alternativa deste Brasil urbanizado dos anos 30, conforme pode ser observado na fala de Emília:

Eu era uma criaturinha feliz enquanto não sabia ler e portanto não lia os jornais. Depois que aprendi a ler e comecei a ler jornais, comecei a ficar triste. Comecei a ver como é na realidade o mundo. Tanta Guerra, tantos crimes, tantas perseguições, tantos desastres, tanta miséria, tanto sofrimento. Por isso acho que o único lugar do mundo onde há paz e felicidade é no sítio de Dona Benta (LOBATO, 1962, p.118).

Nota-se, no excerto, o convite que a boneca faz aos leitores- mirins para refletirem sobre as transformações políticas e econômicas que permeiam o mundo, e deste modo tem-se que a justificativa do presente trabalho, como proposta de estudo para romance de formação, está na medida em que Monteiro Lobato, por meio de Emília, compreendeu a transformação do projeto republicano, afirmado na antítese de incorporação do povo à Nação e insuficiência deste para o exercício da cidadania, e as mazelas sociais que advém deste processo e partir deste problema há o esforço do autor em legitimar um Brasil de verdade nos livros, um Brasil da terra e não um

Brasil importado. E por outro lado o autor procura retratar o mundo adulto que cerca as personagens infantis e o modo como os costumes desse mundo adulto afetam diretamente na vida das crianças.

Não por acaso que o sítio torna-se uma sociedade alternativa e uma escola paralela, em todos os livros infantis as crianças são motivadas por uma curiosidade que as instigam pesquisar descobrir, sempre motivadas pelos ensinamentos de Dona Benta e Tia Nastácia e por meio das aventuras que acontecem no sítio os leitores mirins vão mantendo-se instruídos, “[...] particularmente nos anos 30, o sítio se transforma numa grande escola, onde seus leitores aprendem desde gramática e aritmética até a geologia e o bê-a-bá de uma política de petróleo.” (LAJOLO, 1985, p.50).

Emília também cita neste capítulo, a influência de duas mentoras em sua educação: Dona Benta e Tia Nastácia. Dona Benta por ser uma pessoa alfabetizada desempenha o papel de professora e Tia Nastácia, representa o adulto sem cultura, mas que não deixa se exercer seus ensinamentos às crianças (do sítio), ou seja, uma mulher de pouco conhecimento, mas de muita sabedoria.

O quadro abaixo serve para ilustrar a diferença de direcionamento pedagógico entre Dona Benta e Tia Nastácia, e a contribuição de cada uma para a trajetória humanista de Emília, entendida neste caso, como sua própria formação:

Quadro 1 – Diferenças pedagógicas entre Dona Benta e Tia Nastácia

<p>Que coisa gostosa uma sombra! Nos dias quentes é na sombra da jabuticabeira que nos reunimos para ouvir as histórias e lições de Dona Benta. Tenho de dizer umas palavras sobre este senhora. Dona Benta é uma criatura boa até ali. Só isso de me aturar, quanto não vale? O que mais gosto nela é o seu modo de ensinar, de explicar qualquer coisa. Fica tudo claro como as águas. E como sabe coisas, a diaba!</p>	<p>Tia Nastácia, essa é a ignorância em pessoa. Isto é...ignorante propriamente, não. Ciência e mais coisas dos livros ela ignora completamente. Mas nas coisas práticas da vida é uma verdadeira sábia. Para um tempero de lombo, um frango assado, um bolinho, para curar uma cortadura, para remendar meu pé, quando a macela está fugindo, para lavar e passar roupa – para mil coisas de todos os dias, é uma danada! Eu vivo brigando com ela e tenho-lhe dito muitos desaforos- mas não é de coração. Lá por dentro gosto ainda mais dela do que dos seus afamados bolinhos.</p>
---	---

Fonte: *Memórias de Emília* (LOBATO, 1962, p.120 e 121)

E para finalizar suas Memórias, Emília despede-se do público de forma despojada, sem ter uma preocupação com a estética literária (neste caso, refere-se a estrutura do texto e da linguagem, rompendo com o gênero memorialístico):

Bom. Vou acabar com estas memórias. Já contei tudo quanto sabia; já disse várias asneiras; já dei minhas opiniões filosóficas sobre o mundo e as minhas impressões sobre o pessoal aqui da casa. Resta agora despedir-me do respeitável público (LOBATO, 1962, p.122).

Portanto, ao findar o livro, o leitor encontrará a presença de narradores híbridos, no qual Emília apresenta sua história sob um tom pessoal, irreverente, e as vezes irônico, inaugurando uma nova categoria para o gênero memorialístico, ora se sobressaltando contando o que aconteceu e o que poderia ter acontecido, ora reconhecendo seus defeitos, e por outro lado expressa seu confronto com o mundo exterior, haja vista a capacidade que o autor tem de abstrair o real com todas as suas problematizações sociais e políticas, transferindo-as para o Sítio, e articulando-as com a ação da protagonista no sentido de sua auto-formação, expressa pela curiosidade, o questionamento, a criticidade e sobretudo a liberdade de expressão, não deixando de refletir a visão do autor, sobre a infância e escola, ressaltando a importância da imaginação criadora das crianças, admitindo as novidades que vão modificando o mundo.

Conclusões

Portanto fica evidente na literatura infantil lobatiana a crítica ao modelo convencional de educação e à política de Vargas. Lobato expressa por meio de suas obras, (atendo-se à obra) *Memórias de Emília*, um esforço em legitimar um Brasil de verdade, ou seja, um Brasil de terra, e não um Brasil importado. O mesmo acontece com a sua visão de educação, o autor, como já foi mencionado, era a favor de uma pedagogia renovada, centrada nas necessidades biológicas e psicológicas das crianças.

Suas críticas são viabilizadas por Emília, a personagem protagonista do Sítio que não hesita em ter um comportamento questionador justapondo a sociedade brasileira, por meio de uma linguagem infantil, de modo a formar um público leitor crítico e questionador. Por estas características aproximou-se o conceito de romance de formação, através de uma perspectiva que o considere como uma forma histórica e dinâmica, pois só assim “[...] poderá entendê-lo por manifestações discursivas que se poderá legitimar a existência de um Bildungsroman diferente a cada período histórico-cultural, a cada núcleo formador de significado” (MAAS, 1996, p.423), logo Emília representa esta mediação entre a esfera individual (realizações próprias) e coletiva (representação de classe), e procurar solucionar este conflito com um projeto alternativo de sociedade.

JAMBERSI, Belissa do Pinho. The Lobatiano School romance Emilia and their approaches with the formation romance German concept. **Revista de Letras**, São Paulo, v.53, n.2, p.41-55, jul./dez. 2013.

- **ABSTRACT:** *The work presented here has been the goal to establish some characteristics that approach the German concept of novel training Bildungsroman with the children's literature lobatiana Memories of Emily published in 1936. For Bildungsroman understands a category of literary genre through a way dynamic social, guided by a narrative that works simultaneously with conflict established by the individual and collective spheres, and the possibility of realization of the protagonist, in the sense of their self-training. In this sense, the proposed work established the relationships between socioeconomic and educational transformations of Brazil in the 30s with the actions of the character Emily.*
- **KEYWORDS:** *Bildungsroman. Children's Literature. Children's Literature Lobatiana.*

Referências

BIGNOTTO, C. C. **Personagens infantis da obra para crianças e da obra para adultos de Monteiro Lobato: convergências e divergências.** 1999.153f. Dissertação (Mestrado em Teoria e História Literária) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1999.

LAJOLO, M. **Monteiro Lobato: a modernidade do contra.** São Paulo: Brasiliense 1985.

LAJOLO, M.; ZILBERMAN, R. **Literatura infantil brasileira: história & histórias.** São Paulo: Ática, 1999.

LOBATO, M. **Memórias de Emília.** São Paulo: Brasiliense, 1962.

MAAS, W. P. **O Bildungsroman (romance de formação) como manifestação discursiva.** São Paulo: Ed. da USP, 1996.

_____. **O cânone mínimo: o Bildungsroman na história da literatura.** São Paulo: Ed. da Unesp, 2000.

NAGLE, J. **Educação e sociedade na Primeira República.** São Paulo: EPU, 1974.

